Universidade Federal de Minas Gerais

Aluno: Valdir Oliveira Ramos Júnior

Relatório de leitura: A propósito do opúsculo *De Eternitate Mundi* de S. Tomás de Aquino

Introdução: Importância do tema no interior do pensamento tomista

O texto inicia apresentando que o tema do opúsculo *De Eternitate Mundi* de S. Tomás de Aquino, "a hipótese de um mundo sem início, mas criado, não é uma questão de segunda ordem" (MACEDO, 1996, pg. 31). Em razão das respostas à questão acima, evidencia-se a autonomia da razão em face da fé, bem como a valorização hermenêutica da Revelação, o que não quer dizer que uma e outra sejam incompatíveis. O autor faz notar a relação recíproca e necessária entre a autonomia da razão e a valorização da Revelação: se o destino da Revelação é o de ser comunidade a seres racionais, cabe à razão essa função, do contrário, a Revelação se fecharia em si mesma. Ainda que a autonomia da razão possa trazer riscos tais como puras especulações hermenêuticas ou uma tentativa de compreender algo que excede suas faculdades, e a Revelação perca sua perspectivação oficialmente imposta na medida em que é servida pela razão, "é um risco a assumir sem o qual aquilo que a razão serve se petrifica (MACEDO, 1996, pg. 31).

A problemática se é possível a criação do mundo sem início tem como pano de fundo a relação entre tempo e ser presentes na compreensão das cinco vias segundo a doutrina acerca da eternidade do Mundo: a) o lugar dado ao homem, b) o lugar reconhecido da vontade e da liberdade, c) o espaço concedido à concepção de possibilidade, d) a diferença ontológica com maior ou menor dicotomia metafísica e e) a interpretação das causas segundas.

Duas observações são feitas pelo autor. A primeira se relaciona com as interpretações que o mesmo fará sobre o opúsculo, cujo objetivo não é o de referir um sistema, mas de definir um espírito. A segunda é que o tema se relaciona com a Filosofia em geral e não somente com a Filosofia Medieval ou Moderna.

No que concerne ao resultado obtido em razão da abordagem desta problemática, tem-se não somente a informação do conteúdo, como também a libertação da inteligência do senso comum. Segundo Macedo (1996, pg. 33), as questões colocadas no opúsculo *De Eternitate Mundi* permitem que as noções simplistas provenientes da noção de criação não se resumam a

um demiurgo-arquiteto ou um relojeiro-mor, implicando o aprofundamento trágico da ontoteologia. Em outras palavras, a temática implica o sentido do tempo, o pensar a ideia de anterioridade e posterioridade não como cronológico, mas simultâneo; as consequências da noção de criação e da noção de contingência; os vários sentidos de infinito que se relacionam com posições contemporâneas; todos esses pontos disciplinam a mente muito para além dela própria. Vale ressaltar ainda a relação entre esta temática e as quatro causas e a diferença entre o *ex nihilo* e o *ab initio*.

O presente texto a que esse relatório se refere abarcará tanto a doutrina de S. Tomás quanto a de Santo Agostinho, pois importar saber o sentido mais aprofundado e as implicações do termo *criar*. Assim, a tese do texto é a de que *o criacionismo resulta do aprofundamento de uma ontologia e levou a ela como pensamento no Absoluto, muito mais ainda como aprofundamento da contingência.*

Diante da necessidade de um mundo eterno e da necessidade de um mundo com início, tais quais S. Tomás faz notar que a liberdade e autonomia de Deus resultam em que Ele podia criar ou não criar e que sua eternidade não implica na eternidade da coisa criada, Macedo apresenta duas noções que devem ser aprofundadas: a noção de possibilidade e a noção de liberdade.

Passa-se então à apresentação de outras obras de S. Tomás que tratam da mesma temática. Em seguida, expõem-se a data provável do opúsculo que é objeto do texto, a saber, 1270 ou 1271. Comenta-se ainda as polémicas com os averroístas e o setor conservador em que emerge a figura de João de Peckam, bem como a contraposição de S. Boaventura aos mesmos. Justifica-se a escolha dessa obra e não outra, qual seja, por ser ela direta, incisiva, breve e por não ser estrutura como a *Summa Theologie* e a *Summa Contra Gentiles*, embora essas duas últimas sejam obras de síntese onde tudo surge relacionado com tudo.

O caminho que o autor adota na apresentação do opúsculo é o seguinte: a) enuncia-se sucintamente a temática, b) demarca-se no texto o que é puramente retórico, o que é acessório e o que é principal, c) relaciona-se o que no opúsculo está escrito com o pensamento geral do autor com os textos afins das *Sumas* e as ideias que servem de premissas à ideia desenvolvida no opúsculo.

Considerações prévias

O autor inicia este segundo tópico apresentando o sistema platônico presente no *Timeu* como introdução à problemática: o demiurgo cria o mundo a partir da sua ação (o que implica em fazer ou não o mundo), como também a partir da indeterminação da *cura* e subordinado às *ideias*. Nesse sistema evidenciam-se uma radicalidade e um problema. No primeiro caso, o autor faz notar que o tempo é produzido e teve um início, e quando relacionado com o demiurgo, um ser eterno que lhe dá início, conclui-se sua inferioridade diante da eternidade, pois o mesmo é uma imagem imperfeita da eternidade e, ainda que não seja ilusório, não existe por si e nem expressa a ordenação como um todo do *cosmo*. No segundo caso, a produção do mundo a partir da indeterminação da *cura* e subordinado às *ideias* coloca em xeque o estatuo ontológico do demiurgo, pois a autonomia do Absoluto ou causa primeira é ameaçada quando dependente da causa material à sua produção.

Tendo em vista essa dificuldade, passa-se à apresentação de duas alternativas, ou melhor, duas metafísicas que buscam manter a transcendência e a distância necessária entre a causa primeira e aquilo que dela deriva, evitando o panteísmo: o emanatismo e o criacionismo. O autor faz notar ainda que há uma separação entre ambos os sistemas e que uma e outra das soluções melhor responde a problemática quando relacionados ao princípio parmenidiano de que do nada não se faz o ser. Se tratando do emanatismo, o princípio é respeitado, pois do mais vem o mesmo; se tratando do criacionismo, o princípio e transgredido, pois, ao nível do contingente, do nada vem o ser, na medida em que o primeiro princípio é um ser (seja lá o que isso signifique).

No caso de Plotino, exemplificado no texto, o Uno emana espontaneamente, e não cabe falar da autonomia e liberdade do primeiro princípio, se deve ou não emanar, pois na tentativa de manter a distância infinita entre o finito e o infinito, Plotino nega mesmo no emanante o pensamento de si próprio. Uma vez que o Uno não tem afinidade com aquilo que dele deriva, como que anulando a causa formal, tem-se mesmo que a unidade das coisas derivantes do Uno é uma sucessão enquanto efeito formal. Por esse motivo, a produção *ex nihilo* mostra-se mais cabível, na medida em que mantém a liberdade do agente em produzir ou não produzir e exige um distanciamento maior entre o agente e o derivado.

Feito essas considerações introdutórias, o autor passa à consideração apenas do criacionismo. Na analogia com a produção do artista ou artífice, a ação criadora é a mesma, exceto pelos inconvenientes que acima foram expostos ao demiurgo de Platão, isto é, a criação

não ocorre a partir de um substrato material prévio. O autor expõe uma primeira noção de criação que pode decorrer dessa perspectiva, qual seja, a ideia de início ou, se preferir, o início do tempo a partir do não-tempo e do não-ser anterior. No entanto, o autor faz notar que não somente a noção de infinidade está contida na causa eficiente, como também a noção de eternidade, o que implica outra problemática. Uma vez que a criação se dá a partir do nada e a causa eficiente é eterna, a existência da criatura é marcada não porque sua existência se deu anteriormente, tal como no caso do artefato que existe agora porque foi feito antes, mas pelo fato de estar a ser feita existir seja qual for sua duração anterior: o ato de criar é eterno.

Nesse sentido, torna-se irrelevante tanto o início temporal quanto o início do próprio mundo. Disso decorre os três tipos de criacionismo: mundo criado sem início, mundo criado com início e um outro que admite as duas hipóteses por considerar insignificante a realização de qualquer uma das possibilidades. De qualquer modo, ambos os sistemas consideram a criatura como dependente ontologicamente de Deus.

Macedo passa então para a apresentação das dificuldades que surgem desses posicionamentos metafísicos. Como a eternidade de Deus implica na eternidade das criaturas, ainda que subordinadas à Ele e correlacionadas à duração temporal, então o mundo foi criado sem início. A posição em prol da eternidade do mundo é ainda reforçada quando se considera o ser Deus o Bem difuso de si próprio. Segundo Macedo (1996, pg. 42), as dificuldades que podem surgir dessa posição são aquelas quanto à natureza do tempo e às questões postas pelo infinito passado. São apresentadas três questões: o tempo é compatível ou incompatível com o início de si próprio? Existe por essência uma anterioridade sempre, e, portanto, um não início? Ou é por sua natureza compatível com uma coisa ou outra? Se considerarmos o tempo incompatível com o início de si próprio, então a criação só poderá ser sem início no tempo. O ponto em questão é que tanto um sistema quanto o outro "contrariam o princípio permenidiano de que do nada não se faz o ser, já que mesmo que sem princípio nem fim o mundo é tirado permanentemente *ex nihilo sui" (*MACEDO, 1996, pg. 42).

O texto passa à análise histórica na qual a temática tem origem. É presente no Génesis e no Alcorão a firmação segundo a qual "no princípio Deus criou o céu e a terra" e todas as coisas. O que não fica claro, como faz notar Macedo (1996, pg. 43), é se essa criação que se deu no passado foi do nada (*ex nihilo*) ou de si mesmo (*ex seipso*), uma vez que a Revelação diz que foi no *princípio*. De qualquer modo, o *ex nihilo* é acrescentado, e o motivo para tanto é a natureza de Deus que se vai tendo no decorrer da leitura dos textos Revelados e própria

evolução da razão acerca da reflexão de Deus. Um outro motivo vai de encontro com a noção de que é impossível que Deus crie a partir de alguma coisa, pois isso coloca em xeque sua natureza e cairíamos no mesmo problema do demiurgo de Platão. “Seja como for, a maioria dos pensadores quer cristãos quer islâmicos adotaram em face do texto revelado uma das outras formas de criacionismo anteriormente expostas” (MACEDO, 1996, pg. 43).

Em seguida, o autor introduz o sistema aristotélico no qual o movente imóvel, embora seja uma entidade subordinante, não é o doador do ser total das coisas. A problemática na qual Aristóteles busca uma solução consiste em saber se o movimento é eterno e, portanto, se o *cosmo* como ordem inseparável desse movimento também existe desde sempre. A eternidade do movimento é concluída em razão de sempre haver um movimento anterior (e posterior) ao movimento inicial, e como o tempo é a medida do movimento, pode-se empregar o mesmo raciocínio, pois todo tempo inicial implica numa anterioridade (e posterioridade) temporal e, portanto, a um não-tempo. Uma vez que o movimento é inesperável do móvel, então o *cosmo* também existe desde sempre. A causa do movimento eterno, seja das realidades engendradas seja do mundo material, é explicada pelo movente imóvel, que mesmo se fosse reduzido apenas à causalidade eficiente, não seria causa do existir do mundo, tampouco poderia destruí-lo, pois a eternidade do mundo está no próprio mundo.

Nesse sentido, a diferenciação entre o sistema aristotélico, por um lado, e o criacionismo e o emanatismo, por outro, figura-se no fato de que, no primeiro caso, Aristóteles respeita o princípio parmenidiano de que do nada vem o ser, daí a eternidade da matéria prima, do céu e dos corpos celestes; no segundo caso, pois o infinito é a expressão do imperfeito. Disso se segue duas perspectivas antitéticas: o ato puro que é o movente imóvel não se configura como derivante da eternidade do mundo, enquanto a eternidade do mundo segundo a terceira forma de criacionismo é uma realidade dependente desde sempre na sua existência da eternidade intemporal.

A seguir, o autor faz três observações que são literalmente listadas abaixo:

1 – A crítica aos argumentos que pretendiam sustentar a criação sem início no tempo tem tanto ou mais peso do que a crítica à pretensão de provar racionalmente que o mundo teve um início. Seria errado concluir que em S. Tomás há uma maior simpatia pela argumentação pro *aeternitate.*

2 – Nas duas *Sumas*, antes mesmo de chegar à questão do início ou não início, já se encontra provado que o mundo é uma realidade criada *ex nihilo*

3 – Até chegar à questão da criação, S. Tomás passou por diversas temáticas necessárias para compreensão desta problemática e abordou-as apenas racionalmente, quanto aos argumentos.

Em cada uma dessas observações, o autor relaciona as respectivas obras que abordam a temática. Uma vez que não cabe listá-las aqui, passemos, pois, ao próximo capítulo.

Legitimação da problemática perante a crença.

O autor inicia o parágrafo explicando que perante a Revelação, conclui-se que a criação *ex nihilo* foi com início no tempo, mas que a pura e simples aceitação dessa informação relaciona-se com a vivência do crente e que, portanto, a hipótese necessita de um aprofundamento. Diante da noção segundo a qual não se veria necessidade de se aprofundar em outras hipóteses do mesmo gênero em razão de já haver na Revelação a informação segundo a qual o mundo foi criado com início no tempo, o autor contrapõe respondendo que a análise de outras hipóteses relacionadas a mesma temática não só condiciona o sentido da crença, como também a própria interpretação da criação como ligada ao Absoluto.

São listadas em seguida algumas hipóteses que se relacionam com a temática. Em seguida, listam-se mais duas, quais sejam: 1) se poderia haver um mundo sem início em razão da sua autonomia e, portanto, não criado, ainda que considerado inferior a Deus ou até mesmo dependente dele, mas não na sua existência; e 2) se poderia haver um mundo criado, mas sem início.

As duas questões acima introduzem a noção de possibilidade que será tratada pelo autor a seguir. A primeira relaciona-se com o sistema aristotélico, exceto pelo fato de que Aristóteles discute a duração do mundo referindo-se ao cosmos-ordem-movimento, não ao existir dessa realidade. De qualquer modo, a primeira concepção é inadmissível como possibilidade, uma vez que "S. Tomás supõe provada a unicidade de Deus e a sua capacidade criadora dos reais e possíveis" (MACEDO, 1996, pg. 50). A reflexão acerca da segunda hipótese não seria algo a se rejeitar, uma vez que a questão sobre a possibilidade da eternidade do mundo implica em um maior aprofundamento sobre a noção de criação.

São expostas duas instâncias, Averróis e S. Boaventura, cujo posicionamento são antagônicos, que podem ser listadas, em geral, no fato de que o primeiro defendo o mundo como uma realidade criado por Deus sem início no tempo, enquanto o segundo defende o

mundo como realidade criado por Deus com início no tempo. Sabemos que S. Tomás defende a criação do mundo segundo a Revelação, a discussão é quanto à possibilidade da eternidade do mundo, coincidindo com a afirmação de Averróis. Seja como for, Averróis e S. Boaventura convergem na medida em que buscam a legitimação da noção de criação.

Sentido do termo possibilidade na questão formulada

O autor inicia mostrando que a questão se Deus pode fazer isso ou aquilo implica que seja distinguido também se aquilo de que Deus pode fazer mais não o faz tem como causa o fato de que ou a) Deus não o faz porque não pode fazê-lo ou b) porque isto não pode ser feito. No primeiro caso, se fosse assim, a natureza de Deus seria questionada, é por isso que o autor reforça que essa distinção não é igual a que distingue o poder de *pontentia absoluta* e de *pontentia ordinária*, pois quando se trata da omnipotência de Deus, de seu poder infinito, Ele pode criar tudo, embora "o conteúdo daquilo que se questiona como podendo fazer-se poderá revelar a partir de si a impossibilidade de se realizar" (MARRONE, 1996, pg. 53).

O autor expõe os tipos de possibilidade presentes no opúsculo: a possibilidade *in re* e a possibilidade ativa inerente à ação divina. Quanto a essa primeira possibilidade, a *potência passiva* preexistente, é apresentada como radicalmente rejeitada por S. Tomás. Isso porque, se houvesse um substrato prévio que justificasse a possibilidade de existência, estaríamos de acordo com a existência de algo autônomo além de Deus na criação, por mais indeterminado que fosse, tal como se dissesse que "já havia uma possibilidade real disto previamente à intervenção da potência ativa transcendente" (MACEDO, 1996, pg. 54).

O autor introduz uma passagem da *Summa Theologie* (S. The. I, q. 46, a 1), na qual S. Tomás não vê problema quanto afirmar que o mundo foi possível antes de existir, mas que essa possibilidade de forma alguma é dada pela potência passiva, mas segundo a potência ativa de Deus, e também a relação significante dos termos que não se opõem entre si, para dela tirar três noções de possibilidade: 1) potência passiva prévia, tal como a mesa que é feita a partir da madeira, 2) potência ativa do agente, e 3) compatibilidade entre noções apreendidas pela mente.

Em seguida, o autor lança uma nova questão, qual seja, se "S. Tomás considerava herético afirmar que Deus poderia fazer o mundo de uma potência passiva preexistente, criada previamente segundo o tempo ou segundo a essência. " (MACEDO, 1996, pg. 56). Tal questão permite, dado a continuidade do texto, expor a argumentação que pretendia provar a eternidade

do mundo a partir da possibilidade: como a matéria prima não pode existir sem a forma, se fosse possível a criação de uma matéria passiva preexistente na qual o mundo seria feito, conclui-se que desde sempre Deus teria criado o mundo, pois é um absurdo a matéria prima sem a forma. Não é, pois, o substrato que o termo possibilidade traduz, mas a essência.

As outras questões fundamentais do opúsculo

O autor enumera mais três questões presente no opúsculo que surgem depois de feira uma leitura geral e menos aprofundada, além da primeira questão trata acima, nas quais, à medida que se avança no texto, nota-se que tem o mesmo peso, são elas:

1) se a criação implica precedência temporal, causa-efeito ou nada nada ser;

2) se uma duração sem início nem fim representa uma atribuição às coisas daquilo que é próprio da divindade;

3) se haver um número infinito simultâneo de almas seria um obstáculo à possibilidade de um mundo sem início, mas criado.

Referência

J. M. Costa Macedo. Mediaevalia: Textos e Estudos. v.9. Porto: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1996. AQUINO, Tomás de. Suma Teológica.